

DOSSIÊ RELIGIÕES, ESPIRITUALIDADES E EDUCAÇÃO

doi: [10.25247/paralellus.2023.v14n35.p765-yyy](https://doi.org/10.25247/paralellus.2023.v14n35.p765-yyy)

BÍBLIA, EXEGESE E TEOLOGIA

BIBLE, EXEGESIS AND THEOLOGY

BIBLIA, EXÉGESIS Y TEOLOGÍA

*Claudio Vianney Malzoni**

RESUMO

O presente texto trata das relações entre Bíblia e Teologia e entre Exegese e Teologia, ou das relações entre os estudos bíblicos e os estudos teológicos, ou ainda das relações entre exegetas e teólogos. A abordagem do tema se dá nos marcos das comemorações, em 2023, dos 130 anos da Carta encíclica *Providentissimus Deus*, dos 80 anos da Carta encíclica *Divino Afflante Spiritu* e dos 30 anos do documento *A interpretação da Bíblia na Igreja*. O objetivo é mostrar o quanto esses documentos foram importantes para fazer avançar os estudos bíblicos no âmbito da Igreja Católica, que se ressentia de um verdadeiro atraso nesse campo de estudos. A metodologia tomou como ponto de partida a leitura desses documentos, mas também buscou contemplar o que seria específico na formação de um/a biblista que vive nas periferias geográficas e existenciais do mundo atual. O resultado a que se chegou é que o trabalho que todo/a biblista é chamado/a a desempenhar de dá em diálogo, o qual, para aqueles/as que se situam nas periferias geográficas e existenciais, ocorre a partir das situações concretas de vida da criação.

Palavras-chave: Bíblia e teologia; Exegese e teologia; *Providentissimus Deus*; *Divino Afflante Spiritu*; A interpretação da Bíblia na Igreja.

* Doutor em Ciências Bíblicas - École Biblique et Archéologique Française de Jérusalem (2002). Atualmente é professor da Universidade Católica de Pernambuco. Tem experiência na área de Teologia, com ênfase em Sagrada Escritura, atuando principalmente nos seguintes temas: exegese e hermenêutica, bíblia e história, evangelhos, cartas paulinas, crítica textual. E-mail: cvmalzoni@hotmail.com.

ABSTRACT

This text deals with the relationships between Bible and Theology and between Exegesis and Theology, or the relationships between biblical studies and theological studies, or even the relationships between exegetes and theologians. The theme is approached within the framework of the celebrations, in 2023, of the 130th years of the Encyclical Letter *Providentissimus Deus*, the 80th years of the Encyclical Letter *Divino Afflante Spiritu* and the 30th years of the document *The Interpretation of the Bible in the Church*. The objective is to show how important these documents were in advancing biblical studies within the Catholic Church, which felt a real delay in this field of studies. The methodology took as a starting point the reading of these documents, but also sought to contemplate what would be specific in the formation of a biblical scholar who lives in the geographic and existential peripheries of the current world. The result reached is that the work that every biblical scholar is called to carry out takes place in dialogue, which, for those who are located on the geographical and existential peripheries, occurs from the concrete life situations of the creation.

Key words: Bible and theology; Exegesis and theology; *Providentissimus Deus*; *Divino Afflante Spiritu*; The Interpretation of the Bible in the Church.

RESUMEN

Este texto trata de la relación entre Biblia y teología y entre exégesis y teología, o de la relación entre estudios bíblicos y estudios teológicos, o de la relación entre exégetas y teólogos. El tema se aborda en el contexto de las celebraciones en 2023 del 130 aniversario de la Encíclica *Providentissimus Deus*, del 80 aniversario de la Encíclica *Divino Afflante Spiritu* y del 30 aniversario del documento *La interpretación de la Biblia en la Iglesia*. El objetivo es mostrar la importancia que han tenido estos documentos en el avance de los estudios bíblicos en el seno de la Iglesia católica, que se encontraba rezagada en este campo de estudio. La metodología tomó como punto de partida la lectura de estos documentos, pero también buscó contemplar lo que sería específico en la formación de un biblista que vive en las periferias geográficas y existenciales del mundo actual. El resultado es que el trabajo que todo biblista está llamado a realizar tiene lugar en el diálogo, el cual, para aquellos que se encuentran en las periferias geográficas y existenciales, tiene lugar a partir de las situaciones concretas de la vida de la creación.

Palabras clave: Biblia y teología; Exégesis y teología; *Providentissimus Deus*; *Divino Afflante Spiritu*; *La interpretación de la Biblia en la Iglesia*.

1. INTRODUÇÃO

De 1893 a 2010, em um intervalo de pouco mais de um século, o Magistério da Igreja Católica publicou importantes documentos sobre a interpretação das Sagradas Escrituras. Em primeiro lugar, deve ser citada a Constituição dogmática *Dei Verbum*,

do Concílio Vaticano II (1965). Em seguida, vêm as encíclicas papais: *Providentissimus Deus*, de Leão XIII (1893); *Spiritus Paraclitus*, de Bento XV (1920), e *Divino Aflante Spiritu*, de Pio XII (1943). Há também a Exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*, de Bento XVI (2010) e a Carta apostólica *Scripturæ Sacræ Affectus*, de Francisco (2020). Também são de grande importância os documentos da Pontifícia Comissão Bíblica, dentre os quais se destaca aquele chamado de *A interpretação da Bíblia na Igreja* (1993).

Aqui, não se trata de apresentar todos esses documentos, mas apenas três, que fizeram aniversários redondos em 2023: 130 anos da *Providentissimus Deus*, 80 anos da *Divino Aflante Spiritu*, e 30 anos de *A interpretação da Bíblia na Igreja*. Ao mesmo tempo, há também uma perspectiva dada para essa abordagem, que são duas questões que serão aqui tratadas: a relação entre Bíblia e Teologia e a relação entre Exegese e Teologia.

2. BÍBLIA E TEOLOGIA

O ponto de partida para a abordagem da relação entre Bíblia e Teologia é, obrigatoriamente, um texto clássico sobre o assunto da Constituição dogmática *Dei Verbum* (DV, 24):

A sagrada Teologia apoia-se, como em seu fundamento perene, na palavra de Deus escrita e na sagrada Tradição, e nela se consolida firmemente e sem cessar se rejuvenesce, investigando, à luz da fé, toda a verdade contida no mistério de Cristo. As Sagradas Escrituras contêm a palavra de Deus, e, pelo facto de serem inspiradas, são verdadeiramente a palavra de Deus; e por isso, o estudo destes sagrados livros deve ser como que a alma da sagrada teologia. Também o ministério da palavra, isto é, a pregação pastoral, a catequese, e toda a espécie de instrução cristã, na qual a homilia litúrgica deve ter um lugar principal, com proveito se alimenta e santamente se revigora com a palavra da Escritura (Concílio Vaticano II).

Desse parágrafo, vale destacar a afirmação: “o estudo destes sagrados livros deve ser como que a alma da sagrada teologia”, que é uma referência que remete à Carta encíclica *Providentissimus Deus*, de Leão XIII (PD, 35): “É muito desejável e necessário que o uso da Escritura divina influencie toda a ciência teológica e seja

como sua alma”, que, por sua vez, já tinha sido mencionada na Carta encíclica *Spiritus Paraclitus* (SP, 51), de Bento XV.

A palavra alma pode ser vista como sinônimo de vida e de animação. Nesse sentido, sem o estudo dos sagrados livros, a sagrada teologia fica sem vida, torna-se cansativa, desanimada e desanimadora. Como, no entanto, tornar mais concreta essa afirmação, saindo do que seria uma afirmação muito bonita, mas sem sentido prático algum? Eis dois exemplos.

Para se ter uma ideia, no século XIII, o estudo da Teologia teve um papel fundamental no processo de surgimento das universidades. Essa história é apaixonante, mas, aqui, será focado apenas um aspecto dela: como era o programa dos estudos teológicos na ocasião. Depois de ter cursado a faculdade de artes, isto é, filosofia, que compunha o ensino básico superior, e que durava seis anos, tinha início o aprendizado de Teologia, que durava oito anos. Ao todo, eram catorze ou quinze anos para a formação de um teólogo, o que corresponderia, na nomenclatura atual, à formação de um doutor em Teologia. O programa de estudos correspondia basicamente em permanecer como ouvinte das aulas nas quais um mestre comentava os textos fundamentais, para depois, sob a supervisão de um mestre, o aluno, também ele, comentar esses textos fundamentais, na proporção de seis mais dois anos. Como textos fundamentais se compreendia as Sagradas Escrituras e as sentenças de Pedro Lombardo (Garcia, 2014, p. 2).

Atualmente no Brasil, a organização de um currículo de graduação em Teologia é uma tarefa que pode ser bem complexa. Para citar um exemplo, a organização do currículo do curso de bacharelado em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) tem que levar em conta as orientações da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), uma vez que se trata de um curso apto para a formação de presbíteros, as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Teologia, uma vez que é um curso reconhecido pelo Ministério da Educação, e as orientações da Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma, uma vez que o curso de Teologia da UNICAP tem o reconhecimento canônico através de sua afiliação à Gregoriana. Para organizar o percurso de disciplinas nesse currículo, partiu-se em primeiro lugar daquelas de Sagrada Escritura, que foram dispostas nos oito períodos

do curso. Em seguida, vieram as disciplinas de Teologia Sistemática, fazendo-as coincidir, quanto possível, com as de Sagrada Escritura. É assim que estão no mesmo semestre Cartas Paulinas e o tratado Pecado e Graça. Na sequência, vieram as demais disciplinas que compõe o currículo teológico, também tentando estabelecer vínculos com as disciplinas de Sagrada Escritura e de Teologia Sistemática que já estavam dispostas em seus períodos. Isso é mais um exemplo de como, na prática, tentar responder ao apelo dos papas e do Concílio de que a Sagrada Escritura seja a alma da Teologia.

Os exemplos dados dizem respeito à organização de um curso de Teologia. Pode-se passar, agora, à questão da Sagrada Escritura como fonte para a Teologia. Vale voltar àquele parágrafo da *Dei Verbum*, agora, em seu início (DV, 24):

A sagrada Teologia apoia-se, como em seu fundamento perene, na palavra de Deus escrita e na sagrada Tradição, e nela se consolida firmemente e sem cessar se rejuvenesce, investigando, à luz da fé, toda a verdade contida no mistério de Cristo (Concílio Vaticano II).

A leitura desse texto basta para mostrar que não haverá bom teólogo que não tenha uma sólida formação bíblica. A questão também é abordada em *A interpretação da Bíblia na Igreja*, onde se lê:

O dogmático realiza uma obra mais especulativa e mais sistemática. Por esta razão ele só se interessa verdadeiramente por certos textos e por certos aspectos da Bíblia e, aliás, ele leva em consideração muitos outros dados que não são bíblicos — escritos patrísticos, definições conciliares, outros documentos do Magistério, liturgia — assim como sistemas filosóficos e a situação cultural, social e política contemporânea. Sua tarefa não é simplesmente interpretar a Bíblia, mas visar uma compreensão plenamente refletida da fé cristã em todas as suas dimensões e especialmente em sua relação decisiva com a existência humana (Pontifícia Comissão Bíblia, 1993, p. 102).

Esse texto mostra que o teólogo sistemático trabalha a partir das Sagradas Escrituras, mas não só. Ele trabalha também com os escritos patrísticos, com as definições conciliares, com outros documentos do Magistérios e com a liturgia; isso no tocante às fontes teológicas. Ele também precisa ter uma boa formação filosófica e conhecer a situação social contemporânea. Isso tudo é necessário porque seu atuar teológico tem como finalidade “uma compreensão plenamente refletida da fé cristã em todas as suas dimensões e especialmente em sua relação decisiva com a existência humana”

(Pontifícia Comissão Bíblica, 1993, p. 102). Obviamente, não é uma tarefa fácil. Certamente, ela será realizada de maneira mais efetiva se puder sê-lo em colaboração uns com os outros, em coletivos de teólogos, para usar uma linguagem atual. Também transparece nessa proposição que o teólogo precisará da colaboração de outros especialistas, dado que não há pessoa que consiga ser ao mesmo tempo competente em sociologia, filosofia, estudos patrísticos, e bibliologia.

No mesmo documento, chama-se a atenção para um tipo de relação entre Teologia e Bíblia que não seria correto. Eis, mais uma vez, o texto

Por causa de sua orientação especulativa e sistemática, a teologia muitas vezes cedeu à tentação de considerar a Bíblia como um reservatório de *dicta probantia* destinado a confirmar teses doutrinárias. Em nossos dias, os dogmáticos adquiriram uma viva consciência da importância do contexto literário e histórico para a correta interpretação dos textos antigos e eles recorrem muito mais à colaboração dos exegetas (Pontifícia Comissão Bíblica, 1993, p. 102-103).

Como a Bíblia é grande o suficiente para provar tudo e seu contrário, usá-la como um reservatório de sentenças comprobatórias é um grande risco. A Bíblia sai desse processo mutilada e fragmentada. Todavia, em contrário, o correto é tomar cada sentença em seu contexto literário e em seu contexto histórico. Para isso, o teólogo precisa da colaboração do exegeta.

No que concerne aos/às biblistas, – mas antes de completar a afirmação é necessário explicitar que aqui se compreende por biblista os/as estudiosos/as da Bíblia de um modo geral, o que abrange os/as exegetas, os/as que fazem teologia(s) bíblica(s), e os/as agentes de animação bíblica – esses/as têm muito proveito em estudar a Teologia antes de iniciar seus estudos específicos nas Sagradas Escrituras. Dessa vez, vale a citação de um texto da Carta encíclica *Providentissimus Deus* (PD, 28):

É preciso, portanto, que o mestre desta ciência seja excelente também sob este aspecto, isto é, possua egregiamente a teologia e seja perito nos comentários dos santos Padres, dos doutores e dos intérpretes insignes (Leão XIII).

A razão pela qual essa formação teológica preliminar é necessária é óbvia, mas nem por isso não precisa ser explicitada. A interpretação das Sagradas Escrituras é regida por determinados princípios, ou, dito de outro modo, acontece no interior de

determinados marcos. O primeiro desses princípios ou marcos é a regra de fé (*regula fidei*), como se vê em Santo Irineu (Ad. Haer., I,10,1-3) (Ireneu, 1995, p. 61-64).

Também é preciso se ter clareza sobre aqueles tratados da Teologia que dizem respeito mais diretamente às Sagradas Escrituras, de modo especial, os tratados sobre a Revelação, sobre as Sagradas Escrituras como Palavra de Deus, sobre a Inspiração, sobre a história da formação do cânon bíblico, e sobre a verdade das Sagradas Escrituras.¹ Quando não se tem suficiente clareza sobre essas questões, mesmo um grande conhecimento bíblico não será mais que erudição ou, na pior das hipóteses, uma porta aberta ao fundamentalismo.

Visto isso, ainda falta chamar a atenção para o imenso bem que faz o estudo das Sagradas Escrituras na formação de ministros para a Igreja, sejam eles ordenados ou não. Na Primeira Carta aos Coríntios, Paulo ensina que para um ministério (*diaconia*) que se assume na Igreja há, como base, um dom gratuito (*chárisma*) concedido pelo Espírito (1Cor 12,4-11). Todos, no entanto, precisam estar atentos para desempenhar seu ministério com o senso eclesial. Alguns ministérios, porque mais relacionados com a palavra, demandam uma preparação mais minuciosa em vista de seu exercício, mas todos os ministérios, dada sua importância para o bom funcionamento do corpo eclesial, requerem uma boa preparação para seu exercício.

Em *A interpretação da Bíblia na Igreja*, há outras reflexões e outras orientações sobre a relação entre Teologia e Bíblia. Um tema que merece ser mencionado é aquele da relação entre exegese e teologia moral. Em teologia moral, as posições mais reacionárias, de um modo geral, se apoiam na Bíblia, como se fosse possível, ao homem de hoje, voltar a viver no mundo da Bíblia. Há uma distância enorme entre o mundo da Bíblia e o mundo atual. É essa distância que exige que se faça uma leitura

¹ Essas questões estão muito bem trabalhadas em V. Mannucci. *Bíblia, palavra de Deus*, um manual de teologia bíblica dos anos 1980, ainda publicado no Brasil pela Paulus, de modo especial da primeira à quarta parte do livro. Ali, o autor faz uma rica abordagem histórica de cada tema culminando com a *Dei Verbum*, do Vaticano II. Muitas dessas questões foram também tratadas por Bento XVI, na Exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*, de modo especial na primeira parte da Exortação, constituindo, pois, um material mais atualizado sobre esses temas e mais sucinto.

hermenêutica do texto, que se opõe à leitura fundamentalista. Mas isso, que parece tão claro para alguns, é completamente obscuro para outros.²

Concluindo esta primeira parte sobre a relação entre Bíblia e Teologia, pode-se afirmar que um dos desafios atuais, talvez o maior, provenha dos contextos evangélicos, devido à falta de uma distinção clara, nesses contextos, entre os campos dos estudos bíblicos e o dos estudos teológicos, com suas especificidades. Em tais contextos, todas as questões são tratadas como se fossem bíblicas, quando, de fato, muitas são do âmbito da teologia sistemática e, sobretudo, da teologia moral. A Bíblia sofre muito nessas situações. E, como tem havido uma influência crescente da mentalidade evangélica em ambientes católicos, esse tipo de postura começa a aparecer também nesses ambientes. É preciso resistir a ela.

3. EXEGESE E TEOLOGIA

A abordagem deste segundo tema será feita a partir da perspectiva da formação de um/a exegeta. Do ponto de vista das personagens em cena, as luzes se dirigem agora não mais para toda a categoria dos/as biblistas antes elencada, mas apenas aos/às exegetas, que são aqueles/as que têm a formação mais longa dentre os biblistas.

Em uma entrevista concedida em 2006, quando estive no Brasil, Francolino Gonçalves, professor da Escola Bíblica de Jerusalém, de nacionalidade portuguesa, afirmou que é impossível que um exegeta seja teólogo e que um teólogo seja exegeta, a começar porque o tempo necessário para a formação de um exegeta é muito longo. Como essa entrevista é quase desconhecida, convém citá-la mais longamente no tocante a essa relação entre exegeta e teólogo:

Enquanto tal, o exegeta crítico não faz Teologia Sistemática... Dogmática ou outra. São especialidades para as quais a grande maioria dos exegetas não está preparada, porque as exigências para se fazer exegese crítica são tão grandes, e são precisos tantos conhecimentos, ter tantos instrumentos, que é difícil fazer as duas coisas ao mesmo tempo. O muito que o exegeta pode fazer é estudar a Teologia Bíblica. Aliás, hoje percebemos cada vez mais claramente

² Em sua hermenêutica, Paul Ricoeur chama esses dois mundos de “mundo do texto” e “mundo do leitor”. Para ele, neste caso, o “mundo do texto”, nos coloca diante do mundo da Bíblia, que rompe com o mundo ordinário do leitor e pode interpelar e ampliar seu si, refigurando-o” (De Mori, 2014, p. 54). A leitura hermenêutica quer estabelecer vínculos entre esses dois mundos; a leitura fundamentalista não os distingue.

que não há unidade teológica nem no Antigo nem no Novo Testamento. Tanto um como outro contêm várias teologias. Do ponto de vista teológico, é tentar descrever estas teologias. Mas parece impossível que alguém possa fazer uma síntese de tudo isso, o que seria negligenciar o que cada uma destas teologias tem de mais característico. O teólogo bíblico pode descrever as teologias bíblicas e pôr isso entre as mãos dos teólogos sistemáticos para que eles prossigam a tarefa. A comunicação entre exegetas e teólogos nem sempre é fácil, e não é fácil, porque são dois tipos de estudo bem característicos: o exegeta faz o melhor que pode e entrega isto ao teólogo. Não raro, o teólogo não sabe bem o que fazer com o que o exegeta o apresenta, porque na maioria dos casos se trata de estudos parciais, difíceis de organizar. O teólogo tentará organizar isto em função de outros princípios, de outros critérios e, muitas vezes, em função de um sistema filosófico. Não raro, os teólogos queixam-se que os exegetas não lhes apresentam um material utilizável e, por sua vez, os exegetas queixam-se que os teólogos simplificam indevidamente os resultados dos seus estudos... (Gonçalves, 2006, p. 94).

No processo de formação de um/a exegeta, é possível enumerar quatro etapas.

Primeira etapa: os estudos superiores de filosofia e de teologia. Também essa questão já foi abordada. Para se ter um/a bom/a exegeta, é preciso uma base sólida de formação teológica a qual, por sua vez, requer uma boa formação filosófica. Por exemplo, um curso superior de educação física, que é de grande utilidade, não vale como preparatório para um curso de teologia. Dentre as disciplinas filosóficas, uma parece ter uma importância maior neste contexto: a hermenêutica. No estudo da Teologia, não haveria o que destacar: toda a Teologia tomada em seu conjunto é de grande importância. Ainda assim, pode-se destacar um bom percurso de disciplinas bíblicas. Elas são a base para os estudos posteriores, que nem sempre, por sua especificidade, poderão dá-la. As disciplinas bíblicas no curso superior de Teologia servirão para dar uma visão de conjunto das Sagradas Escrituras. Nessa etapa, é importante que se mantenha o contato com alguma equipe de animação bíblica da pastoral, pois é esse contato que vai permitir ao/à aluno/a experimentar a dimensão eclesial da fé.

Segunda etapa: o estudo das línguas bíblicas. A esse respeito, escreveu Pio XII, na Carta encíclica *Divino Afflante Spiritu* (DAS, 12):

Ao intérprete católico que se aplica a entender e expor as Sagradas Escrituras, já os Padres da Igreja – e sobretudo Agostinho – recomendaram vivamente o estudo das línguas antigas e o recurso aos textos originais.

O estudo das línguas bíblicas deveria começar no curso superior de Teologia, ainda que seja apenas uma introdução. No currículo do curso superior de Teologia, o estudo do grego bíblico deve ter lugar fixo. Há cursos de Teologia que têm o grego bíblico como disciplina obrigatória, outros como disciplina optativa, outros não a têm. O estudo do grego bíblico, de fato, é importante não apenas para aqueles que, posteriormente, seguirão os estudos bíblicos, mas o é para todos que estudam a Teologia, uma vez que a base do vocabulário teológico provém da língua grega. Já o estudo do hebraico bíblico poderia ser oferecido como disciplina optativa, a ser seguida por aqueles que por ela demonstrarem algum interesse. Não obstante, a aprendizagem de noções de hebraico bíblico também será proveitosa para todo estudante de Teologia, no sentido que experimentará, de fato, as grandes diferenças entre sua língua e a língua do Antigo Testamento, seu mundo e o mundo do Antigo Testamento. O estudo das línguas bíblicas continuará depois até o ponto de criar familiaridade entre o leitor e o texto lido. Para isso, é preciso de tempo, tempo, tempo. E dedicação, muita dedicação. O esforço na aprendizagem das línguas bíblicas pode ser balanceado pelo contato com algum grupo de partilha de vida e de reflexão bíblica, pois é em um grupo como esse que o/a aprendiz poderá progredir no aprendizado da leitura da vida pela Bíblia.

Terceira etapa: os estudos específicos e o estudo das disciplinas auxiliares, como a arqueologia, a antropologia e a história. Nessa etapa, os estudos são mais detalhados e o foco deveria ser mais no método do que no conteúdo, uma vez que, apreendido o método, o/a formando/a alcance esse e outros conteúdos. Esse é também o tempo para o aprendizado do manuseio dos principais instrumentos de trabalho exegético. Nessa etapa, será de bom proveito uma viagem de estudos à Terra Santa, mas não é o caso de se fazer uma viagem de turismo, nem de peregrinação. Mais uma vez, também nessa etapa, é importante o contato com gente de fé, a partilha de vida e de reflexões bíblicas, pois as pessoas, com suas experiências de vida e de fé, também têm muito a ensinar para quem estuda a Bíblia.

Quarta etapa: aquela da pesquisa pessoal. Como a pesquisa exegética é essencialmente bibliográfica, essa será a etapa das horas e horas nas quais se fica enfiado em bibliotecas. Será o momento de se colocar em prática o aprendizado do manuseio dos instrumentos de trabalho exegético. De novo, o contato habitual com

peças será muito importante, de modo especial, com pessoas dentre as mais sofridas, que estão nas periferias geográficas e existenciais, segundo consagrada expressão do papa Francisco.³

Assim, passaram-se os anos e está formado o/a exegeta, apto para realizar suas tarefas que, de acordo com o documento *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, são três: a pesquisa, o ensino e as publicações. Ao elencar essas três tarefas, o documento também dá orientações de como elas devem ser realizadas. A explicitação dessas tarefas é introduzida do seguinte modo:

A tarefa dos exegetas católicos comporta vários aspectos. É uma tarefa de Igreja, pois ela consiste em estudar e explicar a Santa Escritura de maneira a colocar todas as riquezas à disposição dos pastores e dos fiéis. Mas é ao mesmo tempo uma tarefa científica que coloca o exegeta católico em relação com seus colegas não-católicos e com vários setores da pesquisa científica. De outro lado, esta tarefa compreende ao mesmo tempo o trabalho de pesquisa e aquele de ensinamento. Tanto um como outro concluem normalmente em publicações (Pontifícia Comissão Bíblica, 1993, p. 93).

O referido documento também dá orientações de como realizar esse trabalho. A primeira delas é que “[a]plicando-se às suas tarefas, os exegetas católicos devem levar em séria consideração o caráter histórico da revelação bíblica” (Pontifícia Comissão Bíblica, 1993, p. 94). A segunda é que “[n]o trabalho de interpretação que fazem, os exegetas católicos não devem nunca esquecer que o que eles interpretam é a *Palavra de Deus*” (Pontifícia Comissão Bíblica, 1993, p. 94). Por ter sido escrito no âmbito da Igreja Católica, aparece no documento a expressão “os exegetas católicos”, ainda que, de fato, as orientações dadas possam servir para os/as exegetas como tal, mesmo que não sejam católicos/as. A terceira é que “[o]s exegetas têm também que explicar o alcance cristológico, canônico e eclesial dos escritos bíblicos” (Pontifícia Comissão Bíblica, 1993, p. 94). Essas orientações são dadas e explicadas.

Além dessas três orientações, de caráter mais geral, há outras três de caráter mais prático e que são também de suma importância. A primeira insere o trabalho do/a

³ Em seu primeiro documento como papa, a Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, Francisco utilizou a expressão “periferias humanas” (EG, 46). Na audiência geral da quarta-feira, 17 de novembro de 2021, falando sobre São José usou a expressão “periferias geográficas e existenciais”.

exegeta no diálogo ecumênico, inter-religioso e intercultural. Ou seja: “[p]elo fato de que a Bíblia exprime uma oferta de salvação apresentada por Deus a todos os homens, a tarefa dos exegetas comporta uma dimensão universal, que requer uma atenção às outras religiões e aos anseios do mundo atual” ((Pontifícia Comissão Bíblica, 1993, p. 95). A segunda é para que o ensinamento da exegese seja feito por professores e professoras (Pontifícia Comissão Bíblica, 1993, p. 95).⁴ A terceira é para que as publicações não sejam apenas para seus pares, mas que se dirijam também aos fiéis em geral, bem como que se leve em conta outros meios de divulgação que não apenas textos impressos.⁵ Desde a publicação desse documento, a internet abriu um leque de possibilidades para a divulgação dos trabalhos dos/as exegetas, seja para seus pares, seja para o público em geral. É necessário, contudo, nesse domínio, ajudar estudantes de Teologia e fiéis em geral a discernir o que é um bom estudo, bem fundamentado, e o que não passa de sofismas camuflados de sabedoria, como, aliás, já fez Paulo escrevendo aos Coríntios (1Cor 2,1-5) quando ainda não havia internet, mas já havia sofistas.

Em um texto magistral, Jean-Louis Ska, professor de Pentateuco do Pontifício Instituto Bíblico durante anos, se refere ao fazer exegese, que é uma atividade a ser realizada sempre em diálogo. Eis o texto:

A exegese bíblica é uma ocupação existente desde quando surgiu a Bíblia. Segundo alguns autores bem informados, a exegese bíblica se inicia no interior da própria Bíblia. Portanto, a exegese bíblica não é invenção nossa. Aprendemos de outros, das gerações que nos precederam. Além do mais, a exegese é praticada por muitas pessoas em diversos países e contextos culturais diferentes. Ninguém possui o monopólio sobre a Bíblia e ninguém tem o monopólio de sua interpretação. De forma que a exegese hoje se faz mediante o diálogo com três interlocutores: primeiro com os textos, não somente com o texto bíblico, mas também com textos do Oriente Médio Antigo; segundo com os outros exegetas, e não somente com exegetas contemporâneos; terceiro com o nosso mundo, pois não vivemos numa cidadela ou torre de marfim em uma ilha feliz (Ska, 2016, p. 16).

Vale citar, ainda uma vez, o documento *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, no tocante à tarefa do ensino da Sagrada Escritura:

⁴ Na UNICAP, neste momento, essa orientação está sendo plenamente seguida. O corpo docente de Sagrada Escritura é formado por duas professoras e dois professores.

⁵ Pontifícia Comissão Bíblica. *A interpretação da Bíblia na Igreja*, p. 97-98.

Os professores de exegese devem comunicar aos estudantes uma profunda estima pela Santa Escritura, mostrando o quanto ela merece um estudo atento e objetivo que permita apreciar melhor seu valor literário, histórico, social e teológico (Pontifícia Comissão Bíblica, 1993, p. 96).

Ainda seria o caso de acrescentar que o ensino das Sagradas Escrituras também visa a transmitir um modo de expressão: a linguagem bíblica, de modo que, uma vez aprendida essa linguagem, quem a aprendeu possa se expressar através dela, criando narrativas que narrem sua vida, criando salmos que salmodiem sua existência, que escreva cartas, conte sonhos e visões, formule leis e escreva genealogias; enfim, que se torne um artista em toda sorte de artes que a Bíblia ensina.

As relações entre exegese e teologia poderiam ter sido abordadas a partir de outras perspectivas. A perspectiva aqui adotada, isto é, a da formação de um/a exegeta teve a intenção de mostrar o quanto essa formação é longa fazendo com que se torne impossível que uma mesma pessoa seja ao mesmo tempo teólogo/a e exegeta. Sendo assim, cabe ao/à exegeta e ao/à teólogo/a encontrarem caminhos de trabalho em conjunto.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os documentos do Magistério católico mencionados ao longo deste trabalho foram de grande importância para o avanço dos estudos bíblicos nos ambientes católicos. A Carta encíclica *Divino Afflante Spiritu*, de 1943, foi um marco de primeira ordem. Cinquenta anos depois, o documento da Pontifícia Comissão Bíblica, por sua clareza, foi também um marco significativo.

Esses documentos, juntamente com a Constituição dogmática *Dei Verbum* e a Exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*, indicam um caminho seguro a ser percorrido pelos/as biblistas nos ambientes católicos, seja quanto a sua formação, seja quanto ao ofício que são chamados/as a desempenhar.

Além desses documentos, dois biblistas também foram citados, inclusive, de modo mais longo que o habitual em um texto acadêmico. O primeiro, Francolino Gonçalves, ex-professor da Escola Bíblica de Jerusalém, chamava teólogos e exegetas a

trabalharem em cooperação. O segundo, Jean-Louis Ska, ex-professor do Pontifício Instituto Bíblico de Roma, lembrava que a exegese bíblica se faz em diálogo.

Enfim, vale dizer que a pessoa que se dispõe ao diálogo, neste caso o/a exegeta, o faz a partir de seu lugar. E então, fica o convite do papa Francisco para que os/as cristãos/ãs se resituem nas periferias geográficas e existenciais.

REFERÊNCIAS

BENTO XV. *Carta encíclica Spiritus Paraclitus sobre la interpretación de la sagrada escritura*. Disponível em https://www.vatican.va/content/benedict-xv/es/encyclicals/documents/hf_ben-xv_enc_15091920_spiritus-paraclitus.pdf Acesso em 20 NOV 2023.

BENTO XVI. *Constituição apostólica pós-sinodal Verbum Domini sobre a palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*. Disponível em https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html Acesso em 03 DEZ 2013.

CONCÍLIO Vaticano II. *Constituição dogmática Dei Verbum sobre a revelação divina*. Disponível em https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html Acesso em 19 NOV 2023.

DE MORI, Geraldo. Paul Ricœur e a teologia. *Theoria – Revista Eletrônica de Filosofia*. Pouso Alegre, vol. VI, n. 15, p. 47-71, 2014.

FRANCISCO. Com José nas periferias geográficas e existenciais. In: *L'Osservatore Romano*, 23/11/21. Edição em língua portuguesa. Disponível em <https://www.osservatoreromano.va/pt/news/2021-11/por-047/com-sao-jose-nas-periferias-geograficas-e-existenciais.html> Acesso em 04 DEZ 2023.

FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do evangelho no mundo actual*. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html Acesso em 04 DEZ 2023.

GARCIA, Gilberto Gonçalves. Diretrizes curriculares nacionais para o curso de graduação em Teologia. Ministério da Educação / Conselho Nacional de Educação. Relatório. Processo Nº 23001.000088/2010-35. 12/03/2014.

GONÇALVES, Francolino. Os caminhos da exegese: entrevista com frei Francolino Gonçalves, OP. *Revista Dominicana de Teologia*. São Paulo, ano 1, n. 2, p. 91-103, janeiro/junho 2006.

IRENEU DE LIÃO. *Contra as heresias*: introdução, notas e comentários Helcion Ribeiro; organização das notas bíblicas Roque Frangiotti; tradução Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

LEÃO XIII. *Carta encíclica Providentissimus Deus sobre los estudios bíblicos*. Disponível em https://www.vatican.va/content/leo-xiii/es/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_18111893_providentissimus-deus.html Acesso em 20 NOV 2023.

MANNUCCI, Valerio. *Bíblia, palavra de Deus*: curso de introdução à Sagrada Escritura. Apresentação de L. Alonso Schökel. Tradução Luiz João Gaio; revisão literária e exegética Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulus, 2008. 4ª edição.

PIO XII. *Carta encíclica Divino Afflante Spiritu sobre os estudos bíblicos*. Disponível em https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_30091943_divino-afflante-spiritu.html Acesso em 29 NOV 2023.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1993.

SKA, Jean-Louis. Tendências fundamentais na pesquisa do Pentateuco nos últimos dez anos. Tradução Gilvan Leite de Araújo, Pietro Luis Sartorel, Vicente Artuso. Em: CARNEIRO, Marcelo da Silva; OTTERMANN, Monika; FIGUEIREDO, Telmo José Amaral de (Org.). **Pentateuco**: da formação à recepção: contribuições ao VII Congresso ABIB – UMESP. São Paulo: Paulinas, 2016; p. 13-87.